As Quadras do Povo

Pamphletos revolucionarios

NUMERO 5

AS. QUADRAS. DO POVO. QUE. APPARECEM. ANONYMAS. SÃO. FEITAS. PELOS. PRIMEIROS. POETAS PORTUGUÊSES

Director:—HERCULES SEVERO

Proprietario:—A. DE ALMEIDA
Composto e impresso na typographia de Antonio Maria Antunes, calçada da Gloria, 6 a 10.

PROTESTO

DOS

POETAS

PORTUGUEZES

1909

COLLABORAÇÃO

INDEITA

e expressamente escripta

para

"As Quadras do Povo"

por

Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Bulhão Pato, Gomes Leal, Affonso Lopes-Vieira, Augusto Gil, Ribeiro de Carvalho, Mayer Garção, Thomaz da Fonseca, Carlos Amaro, Dias d'Oliveira, Carlos de Lemos e Armando d'Araujo.

A' LUZ DO SOL

Um dos «papões» que a Grande Cáfila dos Malandrins apresenta agora ao Povo (n'uma suprema ironia) é a... Administração Estrangeira!

Se o estrangeiro ameaça,
Deixal-o ameaçar.
Se a reacção nos desgraça,
Façamol-a recuar.

Não consintamos jámais
Que nos imponham o jugo
As hostes clericaes,
De Loyolla, o verdugo.

De ti, ó povo, se espera
O valor que não desmentes.
A' Reacção besta fera,
Fere-a, quebra-lhe os dentes!

O' Patria, do meu amor,
Despreza os vis estanhados,
Que te prégam o terror
Dos outros povos armados.

São fortes os teus soldados,
Rudes, sem ser arrogantes,
Capazes dos feitos cantados
Do Portugal que foi d'antes.

O' minha patria, tão bella,
Deixa fallar os traidores...
Seja qual fôr tua estrella
Honrarás os teus maiores.

Nunca hespanhol ou inglez,
O nosso paiz hade ser.
Se já se viu uma vez, (1)
Inda outra se póde ver.

Se fôr preciso matar,
Se for preciso morrer,
Ninguem nos ha de levar
A Mãe que nos deu o ser.

---

(1) Em 1640!...

Ninguem nos ha de, raivando,
Substituir a bandeira.
Ninguem, rugindo e gritando,
Te torna, ó Patria, estrangeira!

O' Minho, verde-esperança,
E's um jardim encantado,
Onde o olhar se não cança,
No teu campo variado.

E tu, ó Douro afamado,
Por teus vinhos preciosos,
Melhor's que o Chypre doirado
E outros que taes, tão famosos.

Traz-os-Montes, valentão,
Onde os homens são audazes,
Pulso rijo e coração
De feitos grandes capazes.

Agora vejo a Beira-Alta,
Que tem a Serra d'Estrella,
Onde a neve nunca falta,
E a torna ao longe tão bella.

Beira-Baixa accidentada,
Coisas boas tens em ti:
O ceu de eterna alvorada,
Aguas, que infante bebi.

Estremadura, adorada,
Tens uma joia—Lisboa,
Tão liberal tão ousada,
Todo o mundo te apregoa!

Alemtejo, que dás pão,
Campos cheios de riqueza,
A mais rica da nação,
Um mimo da natureza.

Algarve, ó terra enfeitada,
Como a noiva de um sultão,
E's uma joia lavrada,
E's uma rosa em botão!

Portugal! se, por má sorte,
Alguem vos espesinhar
Com medo ás garras da morte,
Deixar-vos-heis dominar?...

O amor, haveis de cantar,
Na lingua dos estrangeiros?
A honra, a fé, vosso lar,
Dareis por trinta dinheiros?

Isso nunca, que é morrer,
Cobardemente vencido,
O jugo estranho soffrer,
Roubado e envilecido.

E' vêr, a Mãe ultrajada,
O Pae, sem ter sepultura.
E' vêr, a irmã desflorada,
Pelas ruas da Amargura.

E' ver a terra, o infinito
Mar sem luzes e sem Deus!
E' cahir, sem dar um grito,
Sem mortalha, nem troféus!

E' descer, á condição
De paria, ilota algemado,
—Quem te renega é ladrão,
O' Portugal desgraçado!

Queremos a paz, o amor,
Livres d'estranha pressão,
Não é o territorio maior
Que faz grande uma nação.

Andam unidos cavando,
De Portugal a ruina,
Os jesuitas que, rezando,
Enxovalham a batina.

Mas nós, que vemos de perto,
Seus manejos infernaes,
Pôl-os-hemos no deserto,
A prégar nos areaes...

Julgam acaso que volta,
O governo absoluto?
Não volta que uma revolta
Havia pôl-os de luto.

Fora os bandidos, falsarios,
Inimigos de Jesus.
Que profanam os sacrarios,
E os povos prégam na cruz!

*

Patria nossa, ó minha terra,
Tão formosa e peregrina,
Que sombra negra te aterra,
Que sombra negra, ferina?

Picam-te os corvos sagrados
Jesuitas, frades e freiras,
Esses carrascos malvados,
Que querem forcas, fogueiras?

Dá remedio ao mal, depressa,
A'lerta está, sem receio...
A hydra levanta a cabeça,
Serve-lhe o throno de esteio.

Se os reis agora são fracos
E tem o sangue estrangeiro,
Se acaso o inglez é negreiro,
Que os compre por dois patacos.

Se escrevem ao rei hespanhol
A pedir o seu auxilio
Pode ser que um dia o sol
Os aqueça no exilio...

Padres e reis andam fóra
Da lei da graça de Deus
E querem que morram agora
Os liberaes, os atheus!

Mas ouço gritos de guerra,
Gritos de: fóra, ladrões!
—Que sois a peste da terra,
O veneno das nações!

Emquanto o povo tressua,
Morto de fóme e desdita,
O Rei e a côrte, na rua,
Defendem o jesuita!

Jesuitas, reis, ao Diabo,
Dê-lhes a benção Satan!
Da vil reacção demos cabo,
E não se espere ámanhã.

Dias d'Oliveira.

Numeros publicados:

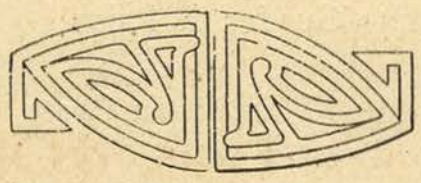
N.º 1—Ao Povo!

N.º 2—Carta ao Rei, impondo-lhe a expulsão dos jesuitas,
por Gomes Leal

N.º 3—A Sombra de Guilherme Braga,
por Armando d'Araujo

N.º 4—Satyra aos jesuitas e aos liberaes,
por Augusto Gil

N.º 5—A' Luz do Sol,
por Dias d'Oliveira



Os nossos agentes nas provincias são:

Porto — A. Dias Pereira & C.ª, Rua do Laranjal, 157 e 159

Coimbra — Antonio Mendes Pinto dos Santos, Rua da Sophia, 13.

Figueira da Foz — Joaquim da Silva e Sousa Junior.

Vizeu — Herculano de Lemos Figueiredo

Evora — Francisco Maria Nunes.

Elvas — José Antonio Pinheiro Martins.

Covilhã — Antonio José de Sousa.

Portalegre — Silvestre Maria Bollou.

Abrantes — Antonio Augusto Salgueiro.

Beja — José Pinto Guedes de Paiva.

Alcobaça — José Narciso da Costa.

Cuba — José Bernardo Quaresma.

Torres Novas — João Caetano da Silva.

Castello Branco — Polycarpo dos Santos Silva Kiosque Elegante.

ESTES . FOLHE-
TOS . PUBLICAM-
SE . AOS . DOMIN-
GOS . E . CADA . FO-
LHETO . É . COL-
LABORADO . POR
UM . SÓ . POETA

Preço 40 réis

A' VENDA EM TODOS OS LOCAES DO COSTUME — SERIE DE 10 FOLHETOS, POR ASSIGNATURA, ENVIADOS PELO CORREIO, 400 RÉIS, FRANCO

——DE PORTE——

PAGAMENTO ADEANTADO, PODENDO SER FEITO EM ESTAMPILHAS.

ESCRIPTORIO
Rua de D. Pedro V, 149
LISBOA